



EVANDRO LUIZ DA CONCEIÇÃO

ESTÁCIO

Evandro nasceu no meio do Carnaval e cresceu num terreiro de Umbanda. Peregrinou muito pelas periferias do Rio. Nascido em Benfica e criado em Piabetá, já morou na Penha, na Cidade de Deus e no Estácio. É ator e entre 2012 e 2014 apresentou o Poesia de Esquina, sarau literário da Cidade de Deus. Foi revelado escritor pela FLUP em 2016, com os textos “Desaparecida” e “Sorriso do Negão”. Em 2018, a convite da Editora Anacaona, teve um de seus textos publicados em francês na coletânea “Je suis encore favela”.

Hoje, está ensaiando seus primeiros passos na carreira de roteirista e, ao mesmo tempo, escrevendo seu primeiro romance. Filho de empregada doméstica, Evandro, em suas palavras, é “negro, gay, pobre e periférico”, e orgulhoso de ter inaugurado um novo ciclo em sua família. É formado em jornalismo, mestrando em Comunicação e Cultura pela UFRJ e almeja, ainda, fazer o doutorado.

MINHA ESTRANHA LOUCURA

Evandro Luiz da Conceição

Parece que se conheceram há três anos num inferninho gay do Baixo Lapa. O dia já estava clareando e a dona da casa baixando as portas com a cara amarrada, colocando as cadeiras em cima da mesa, jogando água nos pés e expulsando geral.

Leonardo, baiano de vinte e poucos anos e recém-chegado ao Rio para estudar História na PUC. Pedro, carioca vida louca, comedor de tudo que a boca come, bom de porrada, de desenrolo e de cama. Dali, os dois foram parar no Arpoador e levaram uma dura da polícia de cara. Depois, aplaudiram o amanhecer do dia, nadaram pelados, puxaram um baseado, trocaram uma ideia e a primeira foda frenética rolou ali mesmo entre as pedras, com o sol quente de testemunha. Uma semana depois, estavam morando juntos.

Dia destes, Leonardo acordou no meio da madrugada na maior 'paurência'. E não era tesão de mijo, era tanta vontade de foder que o pau do baiano chegava a vergar, trincar dentro da cueca. Virou para o outro lado da cama, procurou o corpo do companheiro com os braços e as pernas como de costume e nada. Deu um pulo da cama e ligou para o celular do Pedro:

- O número para o qual você ligou encontra-se fora da área de cobertura ou desligado. Por favor, tente mais tarde. Não tocou, caiu direto na caixa postal.

Leonardo mandou mensagem pelo WhatsApp. Pedro não visualizou nem respondeu.

- Filho da puta! - pensou.

Em seguida, se deu conta de que o telefone celular dele estava em cima da mesa. Pedro deve ter saído com tanta pressa que se esqueceu de levar, deixando sem pistas o lugar do perdido e do barraco que Léo iria armar quando chegasse e pegasse o negão na infração. A porrada ia estancar. Fato.

Mal se vestiu, a bicha sequer esperou o elevador. Foi de escada mesmo, feito louca, "catando cavaco" escada abaixo. Quase torceu o pé. Desceu a Rua São Carlos feito flecha, meio manco e disfarçando a dor, rumo à Lapa, atrás do marido. Perguntou pra um, perguntou pra outro, caçou em tudo quanto foi esquina. Vasculhou cada pé-sujo, voltou ao inferninho onde deram os primeiros beijos, os primeiros tapas e muitas vezes saíram no tapa por causa de ciúmes. Numa dessas, deu até polícia.

Leonardo seguiu na caçada, virado no catiço e violento feito bala perdida, procurando o bofe nas rodas de samba com sangue nos olhos. E nada. Se enfiou numa daquelas cabeças-de-porco da Rua do Lavradio e até no Cine Iris atrás do desgraçado ele foi. Por ali, já fazia tempos que Pedro Porrada – como o valentão era conhecido no reduto – não dava as caras. O brigão estava "pedido" na área.

Da última vez em que lá esteve, comeu uma bicha velha no cacete porque a "cacura" meteu a mão na "mala" do crioulo sem o devido consentimento no mictório. Entrou na porrada. A "maricona" saiu de lá moída e com a cara toda amarrotada. Nem ferro de passar dava jeito no estrago que o

negão fez. Só não deu queixa no DPO porque não podia revelar a vida dupla. Quando não estava “manjando rola” no escurinho do cinema no fim de tarde, era um pacato chefe de família, pai e avô exemplar. Macho acima de qualquer suspeita.

Não satisfeito com o festival de pancadaria que comandou no banheiro do Iris, na saída Pedro desancou a vendedora de bala porque ela não tinha troco para cinquenta reais e nem permitiu que ele deixasse na pendura a pastilha que chupou. Tinha fama de caloteiro. Ficou bolado, cuspiu longe a bala e com uma pesada, botou abaixo o tabuleiro da camelô. Voou bala e doce para tudo quanto é lado, foi um “bafão”. O machão teve que sair correndo de lá para não tomar um sacode da rapaziada que faz a segurança da Rua da Carioca.

Depois foi procurar no Arpoador. Leonardo tinha esperança de que encontraria o marido fujão naquelas bandas. Meses atrás, o baiano tinha expulsado Pedro de casa depois de descobrir mais uma do vacilão. Não aguentou ficar nem vinte e quatro horas longe do negão.

Os vizinhos tiveram que aturar “Faz uma loucura por mim” tocar a noite inteira. Leonardo estava tão saudoso do bofe que não esperou nem ele pedir para voltar. Depois de alguns frenéticos “cinco a um” e uma puta câimbra nas mãos, foi buscar Pedro de volta.

Léo sabia para onde o cara ia quando queria pensar na vida e nas consequências das merdas que aprontava. Pegou o 415 no Largo do Estácio, partiu para a Zona Sul e não deu outra: achou o marido na orla, iniciou um bate-boca e logo baixaram a bola porque a polícia estava ali. Não queriam passar mais uma noite na delegacia. Botaram a viola no saco, mantiveram o carão, entraram no busão e não trocaram uma palavra sequer até chegar à casa. Já entraram se atracando, largando as roupas pelo caminho.

- É com você que eu vou ficar, eu te amo, desgraça! – disse Léo antes de mais um beijo e de uma foda daquelas. Fizeram as pazes e voltaram aos bons tempos até a próxima baixaria. Não demoraria muito para que Pedro comesse Leonardo de cacete de novo. Os dois gostavam de levar essa vida. Ali, viver entre tapas e beijos era o combustível. Era só riscar o fósforo.

Voltou ao Arpoador, tomou uma dura da polícia. Desta vez, Leonardo não teve a mesma sorte. Nem sinal do cara.

Pedro já tinha dado vários perdidos no Léo, mas nada se comparava com o sumiço de agora. O bofe cansou de sair na sexta-feira de Carnaval e só aparecer em casa na quarta-feira de Cinzas como se nada tivesse acontecido.

Como castigo, não soube durante semanas o que era a cama do baiano. Teve que se contentar com o sofá e um belo par de chifres que tomou para ficar esperto na parada. Andou na linha por um bom tempo. No Carnaval seguinte fez a mesma coisa: sumiu na sexta-feira. Tinha saído para desfilar no Escravos da Mauá e só voltou pra casa na pontinha do pé igual bailarina, no raiar da quarta-feira de Cinzas.

Mal abriu a porta, entrando feito gato, foi recebido com um prato que Léo “varou no quengo” do malandro. Baixou na emergência do Souza Aguiar ainda não era nem meio-dia. Enquanto esperava na fila do atendimento, passou a tarde inteira vendo a apuração das escolas de samba e um monte de gente chegando baleada, esfaqueada e até um cara capado pela própria mulher. O “comédia” tinha descido a mão na cara da patroa bem no meio do bloco Boneca Deslumbrada de Olaria. A nega Leonor não fez por menos, deixou o machão dormir e cortou a valentia dele pelo talo. Não se tem notícia do que foi feito com o pau decepado do valentão.

Fim de apuração. Unidos da Tijuca e Paraíso do Tuiuti rebaixadas, a Portela conquistou o vigésimo-terceiro campeonato depois de quarenta e sete anos sem levantar o caneco e Pedro, mangueirense doente, levou uns dez pontos na “fuça”.

Com a cara remendada, sossegou o facho dentro de casa por um tempo. Mas não demorou muito, foi ali na esquina comprar um maço de cigarros, retornou uma semana depois na maior cara dura e mandando aquele caô sinistro para o marido. Léo fingiu que acreditou para não perder o bofe de vista de novo.

Certa feita, Pedro entrou de gaiato numa confusão na Lapa. Seu Zé Pilintra já tinha cantado a pedra semanas antes. Aconselhou o crioulo a dar um tempo da noite. Tinhoso, ousou desobedecer ao protetor da malandragem. Pagou pra ver e se fudeu com todas as cores do arco-íris. Não deu outra: os homens chegaram, os brigões meteram o pé e o otário do Pedro, pela primeira vez na vida, nada tinha a ver com o rolo. "Foi convidado" a dar um rolé de camburão. Levou um "sapeca iaiá" daqueles, puxou uma semana de cana e lá ainda estaria até hoje se o namorado não tivesse zerado a poupança para quitar a fiança do marido. Ou era isso ou não tinha jogo.

Desta vez nem preso o negão estava. Leonardo correu as sete freguesias, foi a tudo quanto é delegacia e nenhum rastro do marido brigão.

Voltou pra casa gongada. Depois de mamar um litro e meio de catuaba e ouvir "*Menino sem juízo*" pela enésima vez, deu uma porrada no espelho. Ele jurava ter visto Pedro sorrindo, suado e sem camisa, bem sacana na frente dele. Antes fosse o negão, mas de real ali só mesmo o sangue que não acabava mais, vazando pela mão de Léo, escorrendo entre os dedos.

Estancou a hemorragia e o porre. E tome mais Alcione, respingos de sangue nos botões, na caixa de som e no braço da vitrola. E tome mais uma garrafa inteira de uma pinga safada, bem vagabunda, que descansava no fundo da dispensa da bicha. Nem pra despacho aquilo servia. Era uma aguardente de quinta, que desce queimando feito Diabo Verde misturado com inseticida, capaz de lascara a goela, o estômago, a porra do fígado e a alma.

Acordou de ressaca, toda sacaneada no dia seguinte. Decidiu ir à macumba. Desde que veio da Bahia para o Rio de Janeiro, não comparecia numa curimba nem batia cabeça no gongá. Dona Maria Padilha tinha acabado de chegar na Terra depois do ponto puxado pelos filhos de santo do terreiro:

Chegou, chegou

A dona da casa chegou

Pra ser rainha não é só sentar no trono

Pra ser rainha tem que saber governar.

- Boa noite! É por causa do "perna de calça" que o moço veio, não é? O que o moço está buscando, aqui não vai encontrar. Tem coisa que não tem resposta, moço. E digo mais: mesmo se o moço me deixasse formosa do "coroadado" aos pés, me desse um boi, muito "achampanhado" pra beber, "fumador" e ouro em pó, eu, Maria Padilha do Cruzeiro das Almas, não ia abrir esse caminho pro moço. - disse a pombagira para Leonardo com o dedo em riste.

"Dói, dói, dói, dói... um amor faz chorar, 'dois amor' faz sofrer". Quem é você pra deitar na minha cama? Papagaio come milho, periquito leva a fama, cantava a entidade para o baiano enquanto gargalhava e se requebrava toda com as mãos e a ponta da saia presas na cintura.

Recado dado. Léo voltou à estaca zero, "xoxado". Decidiu se matar. Só não tomou chumbinho, nem cortou os pulsos porque Vasti – a travesti – chegou bem a tempo de jogar longe o veneno de rato que ele ia engolir. "Espanou" a cara do viado passional com meia dúzia de tabefes muito bem dados:

- Você tá louca, viado? - gritou a travesti, já em idade avançada, enfiada num vestido pele de onça dois números menor que o dela, loura de farmácia, de seios fartos e meio tortos por causa do silicone industrial e dona de uma ficha corrida de dar voltas no quarteirão do Largo do Estácio. Nem bem amanheceu direito o dia, foi parar num Reteté lá nas bandas de Santa Cruz junto com

Vasti. Depois do trem, uma Kombi, um mototáxi, uma boa caminhada e de passarem por uns quinze traficantes armados de fuzil, pistola e granadas, enfim avistaram o templo.

- Esse lugar é babado, viado! Unção pura! Já vi cego enxergando, aleijado andando, surdo falando - disse a travesti, uma velha conhecida da polícia por causa dos seus trambiques e, agora, "uma senhora convertida", para espanto e desconfiança de Leonardo.

- Se não fizer bem, mal também não vai fazer - pensou o baiano.

- Lá eles acham que sou mulher e tudo. Até pra reunião das senhoras da Igreja eu fui chamada, acredita mona? - gabou-se cheia de deboches a travesti truqueira enquanto "tascava" um batom vermelho no "beijo carnudo" todo trabalhado num botox de qualidade bem duvidosa.

Chegaram ao culto. Parecia tudo, menos igreja. Era macumba pura: tinha defumador, galhadas de arruda e guiné, sessão de descarrego, um monte de irmã vestida de branco rodopiando ao som do atabaque. Só faltavam os guias descer para a consulta.

A igreja cantava:

Jesus, cavalheiro do céu! Nunca perde a peleja num campo de batalha!

Divisa de fogo, varão de guerra, ele chegou na Terra, ele chegou pra guerrear!!!

Desce do Alto, desce poder! Quem estiver ligado vai receber!

Qualquer "distraído" que passasse na porta da congregação ia acreditar que a "curimba" estava comendo solta no recinto. Léo já entrou mandando um "ogunhê", "saravá, salve o Seu Ogum" e tomou logo um carão da Irmã Aleluia, uma ex-beberrona, ex-piranha, ex-rainha do baile na favela, ex-viúva de meia dúzia de donos de morro, ex-fumante de três maços de Belmonte por dia, ex-macumbeira e ex-mais um monte de coisa:

- Isso aqui é a casa do Senhor, varão - falou ríspida a obreira.

A bicha não gostou nada da afronta, mas preferiu fazer a egípcia porque queria saber do paradeiro do marido. Por isso engoliu a seco o coió que tomou da varoa, uma negra aparentando uns quarenta e poucos anos, gorda e atochada num roupão que ia do pescoço até a sola dos pés.

Começou o sermão.

- Irmãos, deixa eu ser a boca de Deus para esta igreja. O Senhor me manda dizer que hoje você vai achar o que você está procurando.

Leonardo abriu um sorriso.

- Aleluia - grita Vasti e toda a igreja!

- Mas Deus também fala de renúncia. O que você está disposto a abrir mão pelo reino?

Léo fecha a cara. Não estava disposto a renunciar a nada. Não queria deixar de ir nos fervos do Buraco da Lacreia, nem de ouvir os discos da Liniker e muito menos de frequentar a Batekoo, ponto de encontro das bichas pretas, lacradoras e afrontosas do Rio de Janeiro. Mas preferiu ficar até o fim do culto. Queria saber em que bandas andava o seu bofe.

O pastor começou a falar em línguas estranhas...

- Ô ravashúriaaaa, babasurimicanta, ôooooo... eu sinto o fogo do espírito santo ardendo neste lugar ai ai ai ai!!!! Ô aleluiaaaaaa!!! Receba, recebaaaaa a libertaçãooooo! Se você roubava, varão, não roube mais. Se tu cheiravas, não cheires mais. Se tu apertavas um baseado, não

apertes mais. Se tu traficavas, varão, não trafiques!

Um monte de trouxinha de maconha, pedra, cheirinho da loló e pó foram arremessados nos corredores da igreja. Malandramente, Vasti - a convertida travesti -, pediu perdão a Deus, e como fazia cada vez que ia ao culto, na hora do apelo, aproveitou a distração da congregação, "deu a Elza" nos entorpecentes na encolha e enfiou tudinho dentro da bolsa imitação de pele de zebra e vazou.

A igreja canta:

"Solta o cabo da nau, toma o remo nas mãos e navega com fé em Jesus..."

E o pastor fez mais um apelo:

- Seja como "Danau"! "Danau" era um homem valente, era um cabra macho, varão de uma varoa só, um grande homem de Deus! Seja como Danau e solta o cabo! Assessamalacai Babasurimicantarelli surilicova! Êta, glória!

- Você que vive na fornicção, "botando cobra com cobra pra brigar" e "espada com espada" pra lutar, abandona esta pouca vergonha!

Leonardo franziu a testa, arqueou a sobrancelha e afrontou o pastor que continuava a apelar:

- Ei, você que vive como Maria mesmo sabendo que Deus te fez João! É contigo que eu estou falando.

Vasti, a travesti, "fez a linha Madalena arrependida", deu um passo à frente, fez o seu número e se jogou aos pés do espalhafatoso pregador. A igreja veio abaixo. Na semana seguinte ela estaria de volta para garantir o carregamento na hora do apelo.

O pastor não se deu por satisfeito:

É tu mesmo! É contigo que o Todo Poderoso está falando! Você que bota a "rosca pra queimar"! Ei, você que "dá ré no quibe"!

Léo fez a egípcia de novo.

- Ei, psiu! É com você que estou falando. Você que se deita com outro homem como se mulher fosse! Ai, ai, ai... Os olhos e as mãos do Senhor hoje te alcançam!

Léo foi disfarçando, disfarçando, mirou a porta e deu linha na pipa.

Mais uma noite sem o negão. Não era bem do Pedro que Léo sentia falta. Era da confusão, do bate porta, das mordidas e unhadas espalhadas pelo corpo que ele sentia saudade. Até a vizinhança andava estranhando a calma daquele prédio cuja harmonia era sempre quebrada pela baixaria do casal sem-vergonha do apartamento 601: nenhum palavrão, nenhum prato arremessado no chão.

De resto, só a Marrom quebrando o silêncio daquele apartamento com *"sabe meu menino sem juízo, eu aprendi a te aceitar assim, já me acostumei a perdoar você"...* A própria Alcione já fora motivo de briga entre os dois tempos atrás, porque Pedro não era muito chegado ao gosto musical do companheiro. Naquele dia, além da porradaria entre os dois namorados, teve disco voando, "varado longe" da janela do apartamento.

Ainda com certa dose de esperança, Leonardo foi bater perna debaixo de um sol de quarenta

graus atrás do marido nas cercanias da Cidade Nova. Na quadra da Estácio, nem "tchum". Estava corrido do Berço do Samba porque andou arranjando quizumba por lá. Léio nem de longe pensava em jogar a toalha. Enfiou-se na Mineira, na Providência, na Praça da Harmonia, na capoeira do Cais do Valongo, na Roda de Samba da Pedra do Sal e nada.

Mais uma vez engoliu o ranço e o orgulho de marido chifrado, respirou fundou e bateu na porta da Brigitte, a francesa velha. Pedro, quando estava de ovo virado com o baiano, arrancava um troco da gringa em troca de um boquete, uns baseados e umas carreiras.

Não esteve lá. Já fazia meses que a *mademoiselle* não sabia o que era a pegada do negão.

-Não veio aqui, non. E se viesse não te "contarria", "cherri" - disse a francesa encrenqueira e com as cristas de galinha velha boa de briga bem levantadas para em seguida bater a porta na cara dele.

Foi em hospital, delegacia, IML e nada. Nenhum sinal.

Voltou pra casa. Acendeu uma vela para o anjo da guarda, colocou no canto mais alto da sala, ouviu "*O que é que eu faço amanhã*" no último volume, matou o que tinha sobrado daquela garrafa de aguardente ruim.

Chorou e mais uma vez se possuiu na intenção daquele cara que roubava dele a paz e o resto de vergonha que ainda tinha naquela cara preta. Aquele conjugado do Largo do Estácio, bem na subida do Morro de São Carlos não era mais a mesma coisa sem o Pedro. A vida estava sendo dura demais com a bicha sofrida.

Chegava a doer.

Caiu na real, entregou os pontos.

Manteve tudo no mesmo lugar: a mesa posta com tudo de bom e do melhor para agradar o marido que lhe enchia de porrada, de amor, de flor, de dor. As luzes vermelhas permaneceram todas acesas, a cerveja gelada, o baseado bolado e apertado no esquema, a cama pronta, o celular com a bateria carregada sobre a mesa esperando, caso o dono ligasse ou, quem sabe, qualquer dia desses, chegasse.

Para Bruno Duarte.

Rio de Janeiro, Outono de 2018.
